

Gyzelle Almeida de Araújo Góes

POÉTICAS DE OUVIDO: SIMETRIA POR INVERSÃO

Resumo

O presente artigo tem a intenção de apresentar uma pesquisa acerca da poética de Ana Cristina Cesar e Sebastião Uchoa Leite, tendo em paralelo a relação simétrica e inversa entre Vida, arquivo e obra publicada de ambos os autores – em ressonância. Além disso, pretende-se refletir sobre os ecos e influências de poéticas que são incorporadas às suas próprias, seja por reprodução ou escuta.

Palavras-chave

Arquivo. Poética. Ana Cristina Cesar. Sebastião Uchoa Leite.

Ana Cristina Cesar e Sebastião Uchoa Leite¹

O arquivo pessoal de SUL² foi doado ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), no ano de 2015, por Guacira Bonacio Coelho Waldeck e Thiago Leite Costa. O acervo tem aproximadamente 2,66 metros lineares de documentação arquivística de sua biblioteca pessoal distribuídas em 19 caixas, além do acervo museológico composto pela estatueta do Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira de 2003, referente à obra *A regra secreta* (2002). Essa pesquisa, que veio a se tornar uma comunicação no Seminário de Letras Expandidas 2024 e, posteriormente, um artigo acadêmico, foi refletida durante a escrita da minha dissertação de mestrado, do programa de Letras em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com o arquivo literário de Sebastião Uchoa Leite, após o encontro com poemas, entrevistas e a carta do autor, documentos os quais evidenciavam uma relação “simétrica e inversa” com Ana Cristina Cesar.

Gyzelle Góes é poeta, pesquisadora e professora. Mestre e licenciada pela PUC-Rio, onde também é doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade. Dedicou-se à pesquisa de arquivos literários e atua na área de Literatura Brasileira.

Recebido em: 18/07/2025

Aceito em: 06/10/2025

Revista Escrita.

Rio de Janeiro,

v. 30, 2025.

ISSN: 1679-6888

¹ Ana Cristina Cesar nasceu em 1952 e faleceu em 1983 na cidade do Rio de Janeiro. Foi uma poeta, crítica literária e tradutora brasileira, reconhecida como uma das principais vozes da Poesia Marginal, ou a Geração Mimeógrafo, que surgiu na década de 1970, geração caracterizada por utilizarem uma linguagem experimental da poesia. Seus textos são marcados por um discurso descrito pelo viés confessional, pela ironia e a fragmentação linguística e poética. Seu primeiro livro, *Cenas de Abril*, foi publicado em 1979, e sua obra mais

Cortes/Toques

"Há um ano ela olhava o mar desta janela", verso do poema "Cortes/Toques", escrito em 1984 por Sebastião Uchoa Leite, é uma referência a Ana Cristina Cesar, que teve dois encontros com SUL. Este poema é povoado por protagonistas à margem que já estamparam as capas dos jornais ou que habitam os imaginários. "O Pequeno Hans" era um menino de cinco anos que tinha medo de cavalos e possuía uma superexcitação pela mãe. Hans ficou reconhecido por ser um dos estudos de caso de Sigmund Freud sobre a fobia. Landru foi um assassino em série conhecido por ser o "Barba Azul", um homem envolvente que seduzia viúvas da Primeira Guerra Mundial por correspondências a fim de sugar as suas heranças. A "Família Manson" era uma seita de assassinos responsáveis pelo assassinato de Sharon Tate, atriz e modelo estadunidense, casada com Roman Polanski, que, na época do homicídio, estava grávida. Os autores do assassinato de Sharon Tate riscaram a palavra "pig", com o próprio sangue da vítima, na porta de sua mansão. "A orelha cortada é uma sinédoque", ainda que o poema faça menção diretamente à orelha cortada do pintor Van Gogh, outra referência que esse verso sugere é cinematográfica – um recorte da cena inicial do filme *Veludo Azul*, de David Lynch, produzido em 1986, que apresenta, em sua fotografia, um zoom em uma orelha cortada, coberta por formigas, "como um punctum de uma foto". O conceito de *punctum*, em *A câmara clara* (1984), de Roland Barthes, é descrito como um detalhe/recurso, na análise da fotografia, que toca emocionalmente o espectador, gerando uma conexão subjetiva e pessoal com a imagem, visto como um "corte" ou uma "ferida" que provoca uma reação emotiva e individual no observador. Segue, abaixo, o referido poema:

Van Gogh cortou a orelha
O Pequeno Hans tinha pânico de cavalos
Landru queimava mulheres
Manson & Família
Riscaram Pig com o sangue das vítimas
No subúrbio do Rio acharam
Mulher tapada numa cisterna
Papéis jornais recortes
Grandes entulhos e um canal
É difícil entender a desordem
Há um ano ela olhava o mar desta janela
Nefesh Nafs Atman
Que quer dizer alma?
Bombons envenenados no Japão
Parece a corcunda de Kierkegaard
Um toque de dedos rápido

famosa, *A teus pés*, foi publicado em 1982, um ano antes da morte da autora. ACC também trabalhou como tradutora, sendo responsável por traduzir obras de autoras como Sylvia Plath e Katherine Mansfield. Sebastião Uchoa Leite nasceu na cidade de Timbaúba, Pernambuco, em 1935 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 2003. Foi um ilustre poeta, tendo publicado 10 livros do gênero, professor, tradutor e ensaísta brasileiro. Em 1980, ganhou o prêmio Jabuti de poesia pelo livro *Antilogia* (1979), seu segundo livro de poemas. Sebastião Uchoa Leite venceu o prêmio Jabuti mais outras duas vezes, na categoria tradução em 1998, com *Crônicas Italianas* (1997) de Stendhal, e em 2001, com *Poesia de François Villon* (2000). Em 2003, pouco antes de sua última internação, com a obra *A regra secreta* (2002), conquistou o 2º lugar do Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira, reconhecido atualmente como o Prêmio Oceanos.

² Sigla composta pelas iniciais do titular, utilizada para nomear o seu arquivo pessoal.

O prazer de alfinetes
Aqui é o limite: atenção
Como o punctum de uma foto
A orelha cortada é uma sinédoque
(Leite, 2015 [1983-1988], p. 182)

O poema também revela uma outra dobra, a paisagem do arquivo literário do próprio autor no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, onde está salvaguardado o seu acervo, que fora mencionado no início do artigo. O arquivo do poeta é composto por um volume considerável de “Papéis / jornais / recortes”, que revelam a fonte do poema-montagem escrito pelo poeta. Por fim, o poema escancara o feminicídio e faz referência à violência dos bairros do Rio de Janeiro, que são atravessados por canais que estabelecem comunicações entre rios – Sebastião Uchoa Leite, na época da publicação de *Cortes/Toques* (1988), morava encostado a um canal, no bairro Leblon – e, além disso, por canais televisivos.

Cenas de abril

Como vimos na seção anterior, uma das ressonâncias entre ambos é a menção à Ana Cristina Cesar nos poemas de Sebastião Uchoa Leite. Estabelecendo outra ressonância entre os autores, trago como exemplo um poema do livro *Cenas de Abril*, de 1978, no qual Ana Cristina Cesar relata cenas de uma noite de Natal. Como no poema de SUL, há vários cortes e toques que nos transportam à paisagem de um poema-montagem, aos *punctuns*. Segundo a cronologia que consta no livro *Poética*, Ana Cristina Cesar era filha de pais da classe média brasileira e na mocidade frequentou, por um curto período, o âmbito da igreja (2013, p. 492). A autora faz diversas menções a figuras religiosas e divindades e incorpora em sua poética símbolos do sagrado e do profano.

No poema, por exemplo, como sugere o primeiro verso, o cenário é uma noite de Natal, dia de celebração cristã do nascimento de Jesus Cristo. A narradora declara “Não sinto nada, mamãe”, o que revela uma fissura no contexto de um “espírito natalino” que, a partir de um senso comum, provocaria algum tipo de sentimentalidade. O eu-lírico, assim como no poema de SUL, faz referência à Sigmund Freud, conhecido como o “pai” da psicanálise. “Antigamente eu sabia escrever”, segundo, ainda, a biografia escrita pelo pai da autora em *Poética*, ACC começou a ditar para a mãe os seus primeiros poemas. De um certo viés, as figuras do pai e da mãe estão implícitas nos conflitos deste poema e em diversos outros da autora. Outra referência está contida em outros dois versos do poema: “Irene no céu desmente: deixou de trepar aos 45 anos”, que nos remete ao

poema “Irene no céu” do poeta modernista Mário Bandeira, publicado no livro *Libertinagem*, de 1930. Ou seja, em ambos os poemas, os autores evidenciam, através dos seus olhares líricos, irônicos e críticos, os seus vieses sobre questões político-sociais e, em ambos os poemas, a figura da mulher fica em evidência. Segue, abaixo, o poema mencionado de ACC:

Noite de Natal.
Estou bonita que é um desperdício.
Não sinto nada
Não sinto nada, mamãe
Esqueci
Menti de dia
Antigamente eu sabia escrever
Hoje beijo os pacientes na entrada e na saída
com desvelo técnico.
Freud e eu brigamos muito.
Irene no céu desmente: deixou de
tregar aos 45 anos
Entretanto sou moça
estreando um bico fino que anda feio,
pisa mais que deve,
me leva indesejável pra perto das
botas pretas
pudera
(Cesar, 2013, p. 22)

A carta

Durante a pesquisa de mestrado, uma das minhas operações foi a de criar uma descrição arquivística para os documentos de Sebastião Uchoa Leite. No arquivo pessoal de SUL, na série de dossiês “correspondência pessoal (CP)” só constava um cartão-postal de Ana Cristina Cesar, em que ela lhe agradece o envio do livro *Antilogia*, livro de SUL que conferiu ao autor o Prêmio Jabuti de poesia em 1980. Abaixo, segue o modelo de descrição:

CESAR, Ana Cristina
Inglaterra – 03 set. 1980 – 1 item. 1 f.

Cartão-postal com agradecimento por recebimento de *Antilogia*. Elogio à tradução de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Comentários sobre vida pessoal e profissional.

Ana Cristina Cesar elogia a tradução de SUL, publicada em 1977, de *Alice no país das maravilhas* (1867), escrito por Lewis Carroll, e acrescenta comentários sobre a sua vida pessoal e profissional no ofício de escritora e tradutora. Segue, transcrito, o conteúdo da carta:

Querido Sebastião,

Recebi hoje a tua bela tradução de Carroll, que é um trabalho maravilhoso. Fico curtindo demais e só é uma pena que não dê mais para eu incluir nos trabalhos do curso. Dear old England anda bastante interessante. Traduzi um pouco de Emily Dickinson, Whitman e Mansfield, e tenho um “romance” quase pronto – aderi à prosa e aos skates. Obrigada pelo livro e manda um abraço meu para o Jorge Wanderley.

Um beijo, Ana Cristina. (Cesar, 1980)

Vale ressaltar que, partindo do viés da simetria, além de poetas, ambos eram tradutores. No conteúdo do cartão-postal, a autora menciona as suas traduções de autores renomados como Emily Dickinson, Walt Whitman, e Katherine Mansfield. Um destaque das traduções de Ana Cristina Cesar é o conto *Bliss* de Mansfield. Quando a poeta se refere à adesão a prosa, e ao “romance” quase pronto, é uma referência à “O livro”, que só viria ser publicado postumamente, na seção da “pasta rosa”, que é uma reunião de textos “antigos e soltos” de diversos gêneros: poemas, prosas, trechos de diário, fragmentos, anotações em cadernos de aula, relatos de viagem, bilhetes e cartas não endereçadas. O curador da obra *Poética*, Armando Freitas Filho, no prefácio do livro, relata que publicar um romance sempre fora uma aspiração da poeta:

Creio que faço justiça agora ao publicar na íntegra “Prontos mas rejeitados”, como parte desta Obra poética de Ana Cristina Cesar. Mas, pensando melhor, a seleção não estaria completa se eu não incluísse também a última seção da “pasta rosa”, “O livro”, sua primeira tentativa de escrever um romance, a que sempre aspirou. Tenho para mim que esse desejo começou a se realizar em Luvas de pelica, pois conjuga prosa/poesia com precisão e arte, sob as vistas de Katherine Mansfield. (Freitas, 2013, p. 315)

Primeira visita

Retomando o que já fora mencionado no início do artigo, ambos os poetas tiveram dois encontros em vida, relatados no poema “Duas visitas”, publicado no livro *Cortes/Toques* (1983 e 1988) de Sebastião Uchoa Leite. Sobre o poema, escrito em 1984, podemos destacar dois momentos: a troca de palavras e o silêncio. Segue, abaixo, o poema referido:

Fui visitá-la
com o meu black book
(minha real Penélope era Drácula).
Mostrou-me o layout do seu.
Engraçado eu disse os seus

em cima e os meus embaixo:
é a simetria pela inversão.
Telefonou:
Gostei muito
do seu lúgubre livrinho preto.
Cinco anos depois foi a vez de ela me visitar.
Enquanto fiz um café ficou de pé
olhando o canal e o mar em silêncio.
Isto foi um ano antes do salto
(Leite, 2015, p. 196)

Na primeira visita, o tema central é em torno da discussão sobre as publicações dos livros dos dois poetas, que eram recentes na época desse encontro. O "black book" a que se refere SUL é *Antilogia*, publicado em 1979. A edição do livro, no quesito físico, é comparada a um esquite ou a um "lúgubre livrinho preto", pelo fato de seu formato ser completamente preto e alongado. Ana Cristina Cesar mostra o "layout" de *Cenas de abril*, de 1979, primeira publicação da poeta, independente e de pequena tiragem, um livro de cor esquelética, composto pelo título e nome da autora em vermelho. Quanto à "simetria pela inversão", há uma referência à questão da disposição dos poemas, os versos de SUL estão dispostos na parte de baixo da página, enquanto os versos de ACC estão dispostos na parte de cima da página. No entanto essa "simetria pela inversão" também pode ser entendida pelo fato de ambos terem trajetórias poéticas "inversas", mas "simétricas".

Em uma entrevista de Flora Süssekind, Beatriz Bracher e João Guilherme Quental a SUL realizada em seu apartamento e publicada primeiramente nos anos 90 pela revista *34 Letras*, Flora Süssekind dispara ao autor, que se considerava antisentimentalista: "Você falou ainda agora que não faria nunca um poema emocional. Eu não sei se é o caso, mas me parece que você, no poema 'Duas visitas', fala da Ana Cristina Cesar. Acho o poema bonito e emocional". Sebastião Uchoa Leite dialoga sobre o poema e sobre ACC, o impacto que a poeta causou não apenas pela própria produção poética, mas através da sua Vida:

Quanto a esse poema você tem razão, eu não quero negar que em alguns poemas entre um elemento de emotividade. Seria, aliás, um absurdo negar que isso também faz parte do processo. Mas além de emotivo esse poema também faz referência a poéticas. A própria imagem de Ana é uma poética, e a minha é outra diferente, embora estejam ali em diálogo (...). O poema sobre a Ana Cristina, que, aliás, não está referida explicitamente, só quem conhece os fatos pode saber, ele nasceu de uma comoção muito natural, que todos nós tivemos, mas ele também está integrado dentro de um conjunto de preocupações diversas. (Leite, 2014, p. 230)

Na pergunta seguinte, Sússekind comenta sobre a poesia publicada nos anos 70, SUL faz referência ao poeta Chico Alvim por sua “poesia crítica e cruel”, e novamente volta a dialogar sobre ACC, identificando-se com a autora:

Em Ana Cristina, interessam muito os conflitos que ela teve e resolveu de forma poética, já nas últimas coisas que fazia. Ela fazia também muitas citações, era muito metapoética em certo sentido, era uma pessoa que lia muitas coisas e que recuperou isso através da poesia dela. (Leite, 2014, p. 231)

Segunda visita

Ana Cristina Cesar se tornou um dos ícones da Geração do Mimeógrafo e uma escritora denominada integrante da Poesia Marginal dos anos 1970, movimento esse que flertava com o “vitalismo”, no sentido em que intitular-se marginal naquele momento do Brasil sinalizava o dilema coletivo de uma geração esmagada pelo estado durante a ditadura civil-militar, em busca pela “vida” em tempos de perseguições e sombras, por meio de formas criativas de expandir a revolta e o inconformismo pelo viés da arte, fugir das formas e, especialmente, escapar da censura através de publicações artesanais. Assim surge a “geração dos mimeógrafos”, por estarem à margem do mercado editorial consolidado e utilizarem, como recurso, o mimeógrafo (do grego *mimeo*: imitar, copiar + *grafia*: escrita), um instrumento criado em 1880, utilizado para fazer cópias de papel em estêncil. Sebastião Uchoa Leite, por sua vez, de uma Geração anterior, sempre se mostrara “inverso” ao vitalismo, o próprio se autodeclarava “antivitalista”, o que é uma grande ironia, pois o próprio se intitulava antivitalista por declarar achar o tema morte mais interessante do que a vida. Ainda que o vitalismo e o antivitalismo estejam ilustrados neste artigo, vale frisar que tanto Ana Cristina Cesar quanto Sebastião Uchoa Leite sempre estiveram à margem das suas Gerações, o que nos aponta outra simetria entre ambos, por serem poetas dissonantes dentro de contextos dos movimentos literários, com vozes singulares, dotados de jogos complexos intertextuais, de pistas forjadas no jogo do autobiográfico.

Na entrevista mencionada anteriormente, o poeta comenta sobre o seu livro ganhador do Jabuti, *Antilogia*:

No *Antilogia*, queria fazer um livro que fosse quase isomórfico em relação ao conteúdo dele. Até mesmo o papel da capa, porque, além de preto, ele tem alguma coisa assim de acamurçado, que dá a ideia de um esquife, e tem tudo a ver com o final do livro. E tem a ver com toda a situação do livro, a ideia, que eu desenvolvo mais no Isso não é aquilo, de que afinal de contas, a poesia para ser viva não tem que falar da

vida, ela pode ser viva de outra forma. Eu sempre fui, nesse sentido, antivitalista. (Leite, 2014, p. 221)

Não podemos deixar de apontar e refletir o fato de que a geração sessentista fora também influenciada pela reprodutividade, pelas referências da cultura de massa que Sebastião Uchoa Leite tanto se deleitou para a construção dos seus poemas. Partindo do viés da “simetria pela inversão”, somos capazes de arriscar que ambos podem ser considerados vampiros da linguagem, Dráculas, poetas que sugam de fontes e referências de outrem para trazer Vida aos seus próprios poemas. A seguir, um dos poemas de Ana Cristina Cesar, publicado em *Cenas de Abril*:

olho por muito tempo o corpo de um poema
até perder de vista o que não seja corpo
e sentir separado entre os dentes
um filete de sangue
nas gengivas
(Cesar, 2013, p. 19)

Neste poema acima de ACC, como podemos observar, há o eu-lírico que observa o corpo do poema. No entanto, perde-se de vista o que não seja mais corpo. Esse corpo está à espreita do olhar. O que já não é mais corpo – se perde –, e algo se encontra, o próprio corpo no poema. O poema-corpo. Até o instante em que se vê o sangue, um filete, nas gengivas, entre os dentes, do corpo. Neste poema, há sangue, sede, corpo. Perde-se de vista “o que não seja corpo”. Esse corpo pode ser real ou ficcional, assim como a crise da representação.

Isso não é aquilo (1982), quinto livro de Sebastião Uchoa Leite, nos remete à obra *A traição das imagens* (1929), do pintor René Magritte, um quadro clássico do surrealismo que representa o desenho de um cachimbo com o texto embaixo “*Ceci n’est pas une pipe*”, que traduzido significa “Isso não é um cachimbo”. A obra de Magritte anuncia a crise da representação, assim como o conflito entre o real e o ficcional na obra de arte. A pintura de um cachimbo não é um cachimbo real, aquele utilizado literalmente para fumar, mas é a sua figura que nos faz assimilar que “aquilo” é um cachimbo. No entanto, é a linguagem que aproxima o leitor da realidade, pois é ela que aponta que “aquilo” não é um cachimbo, e sim a representação de um cachimbo, ou seja, “isso” o que você está observando ou imaginando que seja um cachimbo não o é, embora a sua semelhança. Nessa obra, o poeta se apropria da técnica de “cortes” cinematográficos, através de cenas recortadas do real. A confusão entre vida e ficção se fixa, visto que o poeta embaralha fatos, como, por exemplo, com referências à personalidades e notícias sobre cri-

mes, e o ficcional, com base na montagem de uma poética de recortes, impulsionados por versos soltos, em estado de constante dobra, como podemos também observar na técnica da criação da poesia de Ana Cristina Cesar.

Na obra de SUL, podemos destacar a intimidade e a proximidade que o poeta estabelece com a morte e o seu fascínio pelo antivitalismo, pelo trágico e o terror. Nos livros que foram publicados posteriores a essa obra, espreitamos de perto como essa relação se estreita ainda mais quando o poeta passa por experiências-limite que o colocam cara a cara com a morte. No capítulo "Não", o primeiro poema se chama "Pequena estética", em que o antilírico anuncia: "eles dizem / que se deve defender a vida / é a mensagem deles / mas a morte / é tão metafórica / e sexy / é tesão certa" (Leite, 2015, p. 135). Provavelmente esse "eles" a que se refere o poema é sobre a geração de poetas que veio surgindo com vitalidade após anos de repressão política, a geração dos artistas marginais dos anos 1970. Nesse poema, o eu-lírico também revela o seu olhar *voyeur*, o seu tesão pelo fúnebre. O poema seguinte também releva o seu desejo pela morte, mas por meio do diálogo com o vampirismo, em "*He rides again*", que, traduzido, significa "Ele ataca novamente": "ah enfim / enfiaram a estaca / bem no fundo hein? / deixa estar / volto em 2079 / mais afiado" (Leite, 2015, p. 136). Através do humor, ele faz uma referência à lenda popular de que os vampiros só morrem se fosse enfiada uma estaca no centro dos seus peitos. O poeta, afiado, anuncia que voltaria em 100 anos, visto que o poema foi escrito em 1979. Há outros poemas com referências ao vampirismo, como em "*Plaisirs d'amour*", que faz menção à Transilvânia, local onde habitaria o personagem literário Drácula, do romance homônimo escrito por Bram Stoker em 1897, personagem em que o eu-lírico se espelha, segue o poema de SUL:

na transilvânia
em esquife esquelética
só acordo nos pesadelos
dos mortais normais
minha norma é não ser
mas ao vê-la
a efígie em medalha
adocção da mortalidade
embarco espalho ratos em meu rastro
enfim te avisto em reflexos
a mão sobre o peito exangue
enlouquecendo desse sangue
transporto-me para o teu quarto
unhas em pique

dentes em ponta
mas quando o galo canta
desapareço em chamas
(Leite, 2015, p. 137)

Observemos que esse poema é tecido por um narrador que relata o desejo pela sua presa, com as “unhas em pique / dentes em ponta”. Anteriormente, o poeta que buscava a figura do sol, desaparece “quando o galo canta” — uma marca do trivial, o galo cantar pelas manhãs — todo em chamas. O eu-lírico se refere à “esquife”, uma referência que já vinha sendo visualmente construída em sua trajetória poética, visto que o seu livro *Antilogia* é um trabalho que, por meio do seu *design* editorial, como mencionado, recorda a imagem de um pequeno caixão. Nesse poema, como no de Ana Cristina Cesar, há sangue, sede, corpo.

A segunda visita, descrita concisamente pela segunda parte do poema “Duas visitas”, é refletida pelo silêncio e pela ausência, essa que anuncia a completa presença da poesia, do marulho da Vida: “Cinco anos depois foi a vez de ela me visitar. / Enquanto fiz um café ficou de pé / olhando o canal e o mar em silêncio. / Isto foi um ano antes do salto” (Leite, 2015, p. 196). O poema foi escrito um ano depois do suicídio de Ana Cristina Cesar. O cenário do último encontro, um ano antes, é paralelamente circundado pela janela, o canal, o infindável mar e a poeta. A palavra “salto” corta o poema, finda-o.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi oferecer uma contribuição literária e contemporânea ao investigar a relação poética entre Ana Cristina Cesar e Sebastião Uchoa Leite, sob o aspecto da “simetria por inversão”, explorando a ressonância entre ambos. Buscou-se articular crítica poética e pesquisa arquivística, dialogando com bibliografias e documentos de referência, a partir de fontes primárias como cartas, arquivo e entrevistas, com a intenção de gerar novas leituras das obras dos autores. Na primeira seção, foi apresentada uma biografia dos poetas, situando-os em seus contextos, e localizando o início da pesquisa. Na segunda e terceira, foram colocados em evidência poemas de Ana Cristina Cesar e Sebastião Uchoa Leite, com o objetivo de criar a paisagem em ressonância entre a poética de ambos. Na quarta seção, foi apresentada a parte da pesquisa arquivística, que os aproxima através do documento. Na quinta e sexta, é articulada a “simetria pela inversão” entre SUL e ACC proposta no resumo do artigo.

Em resumo, o alvo deste artigo foi apontar para o fato de que os poetas Ana Cristina Cesar e Sebastião Uchoa Leite, além da criação de um repertório particular baseado em composições, reproduções e colagens, nos revelam, através de cortes e toques, um modo único de projetar a ficção, concebendo a sua própria sutura, no sentido de que Vida e obra se “embaralha”, que “só se iguala ao fascínio do poeta pela palavra” (Leite, 2015, p. 95).

Referências

- Barthes, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, S.A., 1984.
- Cesar, Ana Cristina. **[Correspondência]**. Destinatário: Sebastião Uchoa Leite. Inglaterra, 3 out. 1980. 1 carta. [Arquivo Sebastião Uchoa Leite/AMLB/FCRB].
- Cesar, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- Freitas Filho, Armando. Em Ana Cristina [...]. [Prefácio de livro]. In: Cesar, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- Guimarães, Júlio Castañon; Sússekind, Flora (org.). **Sobre Sebastião Uchoa Leite**. Rio de Janeiro: FCRB, 2014. (FCRB Estudos, v. 14).
- Leite, Sebastião Uchoa. **Poesia completa**: Sebastião Uchoa Leite. Apresentação Frederico Barbosa. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. **Arquivo SUL**. Rio de Janeiro: AMLB/FCRB, 2025.
- Veludo Azul**. Diretor: David Lynch. Formato: filme. Produtora: De Laurentiis Entertainment Group. Ano: 1986.

POÉTICAS DE OÍDO: SIMETRÍA POR INVERSIÓN

Resumen

El presente artículo tiene la intención de presentar una investigación sobre la poética de Ana Cristina Cesar y Sebastião Uchoa Leite, teniendo en paralelo la relación simétrica e inversa entre Vida, archivo y obra publicada de los autores – en resonancia. Además, se pretende reflexionar sobre los ecos e influencias de poéticas que se incorporan a las propias, ya sea por reproducción o escucha.

Palabras-clave

Archivo. Poética. Ana Cristina Cesar. Sebastião Uchoa Leite.